

## **Os socialistas e as comemorações do Primeiro de Maio em Salvador: ritualização e afirmação de uma identidade operária nas duas primeiras décadas republicanas**

**Aldrin Armstrong Silva Castellucci<sup>1</sup>**

Em 1990, ao fazer uma conferência sobre o centenário do Primeiro de Maio, Eric Hobsbawm observou que esta foi “a única conquista indiscutível realizada por um movimento secular sobre o calendário cristão ou qualquer outro calendário”. Como se sabe, a idéia de estabelecer um dia no qual a classe trabalhadora de todo o mundo abandonaria seus labor cotidiano para exigir a jornada de trabalho de oito horas surgiu em julho de 1889, em Paris, por ocasião da realização de um dos congressos de fundação da Internacional. Esse dia seria o Primeiro de Maio de 1890. Como frisou o historiador britânico, na documentação não havia qualquer indicação de que o protesto seria repetido nos anos seguintes, como de fato aconteceu. Também não constava nenhum sinal de que a data deveria ser marcada por celebrações festivas e ritualizadas, o que também acabou ocorrendo. Por último, ninguém imaginou que o Primeiro de Maio fosse ganhar a importância que ganhou. Todas as expectativas foram superadas, e os bons resultados das manifestações coincidiram com o aumento da força e da confiança da classe operária em diversas partes do mundo. De fato, cem anos depois de instituído pela Segunda Internacional, nada menos que 107 países haviam consagrado em lei um feriado dedicado ao Dia do Trabalho.<sup>1</sup> Nosso propósito é descrever e analisar o surgimento e a ritualização do Primeiro de Maio em Salvador nas duas primeiras décadas republicanas, examinando as relações existentes entre as comemorações do Dia do Trabalho e a afirmação de uma identidade de classe operária.

### ***A REPÚBLICA E A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA***

A última década do século XIX foi fortemente marcada por um clima de otimismo, expectativa e anseio de participação política gerado na classe operária brasileira em virtude da Abolição da escravidão e da Proclamação da República, levando à fundação de organizações que se autoproclamavam operárias e socialistas em vários centros urbanos do país, muitas vezes acumulando e articulando, de forma complexa e original, funções mutualistas, beneficentes, recreativas, sindicais e político-

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto de História do Brasil na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutor em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Contatos: [aldrin.castellucci@hotmail.com](mailto:aldrin.castellucci@hotmail.com).

partidárias numa época em que praticamente não existiam sindicatos. A bibliografia produzida sobre o tema nos mostra isso em detalhes.<sup>ii</sup> Nossas fontes nos dizem o mesmo para o caso de Salvador. O entusiasmo com que, em junho de 1893, o artesão Domingos Silva se refere ao novo regime na passagem abaixo é apenas uma, entre muitas outras evidências, que sustentam essa afirmação.

*A república, companheiros, é o regime do fraco contra a prepotência do forte; é a igualdade dos povos; é a condenação da aristocracia, em favor da democracia; é o aniquilamento do feudalismo, é o desmoronamento das oligarquias e predomínios; é o símbolo da liberdade, da razão e do direito.*

(...)

*Os nossos interesses e a nossa vida se acham tão ligados e dependentes desta forma de governo, que seria uma infâmia, se pretender tratar do nosso bem-estar, sem tocar ou entrar rapidamente nestas apreciações, razões pelas quais, fui levado a este pequeno esboço.*<sup>iii</sup>

De fato, em junho de 1890, um punhado de artesãos de diversos ofícios se reuniu sob a liderança do artífice da construção civil mestiço Domingos Francisco da Silva (1865-1914) e fundou o **Partido Operário da Bahia**. Em pouco tempo, a nova organização já havia filiado centenas de operários de todos os distritos de Salvador e até de algumas cidades do interior da Bahia. O principal objetivo de seus organizadores era participar ativamente das eleições e, dessa forma, influenciar no processo político do país. Não sem razão, os conflitos que consumiram a organização desde a fundação até o começo dos anos 1920 estavam relacionados às disputas entre as facções internas pelo controle da máquina partidária, instrumento fundamental pelo qual eram feitas as bem-sucedidas alianças com os partidos das elites locais com vistas à eleição de operários para os cargos de juiz de paz e de conselheiro municipal. Uma cisão formal do Partido Operário se esboçou muito cedo, em julho de 1890, dando lugar ao surgimento da **União Operária Bahiana**. Os dissidentes eram liderados pelo alfaiate pardo Ismael Ribeiro dos Santos (1857-1930) e pelo pintor e desenhista preto Manuel Raymundo Querino (1852-1923). Mas em junho de 1893, os líderes das duas facções negociaram uma reaproximação e fundiram as duas organizações numa nova entidade à qual deram o nome de **Centro Operário da Bahia**.<sup>iv</sup> Em 1894, essa organização já reunia nada menos que cinco mil associados, em sua maioria artesãos brasileiros negros e mestiços dos mais variados ofícios, conforme demonstramos em mais de uma ocasião.<sup>v</sup> Através de coligações envolvendo as máquinas políticas republicanas, dezenas de artesãos e

mestres de ofício ligados ao Centro Operário da Bahia conseguiram cargos de eleição popular na Justiça de Paz e no Legislativo Municipal da capital baiana, tema que também analisamos minuciosamente em outros lugares.<sup>vi</sup>

O Centro Operário da Bahia fornecerá alguns dos primeiros e mais importantes quadros políticos do movimento operário e socialista das duas décadas iniciais da República na Bahia, inclusive aqueles que organizarão as manifestações do Primeiro de Maio. Do Centro Operário sairá o núcleo ideológico que fundará, inclusive, as outras organizações envolvidas diretamente nas comemorações do Dia do Trabalho.

Não foi à toa que uma dessas organizações, o **Club Socialista**, foi fundada em Salvador no dia primeiro de maio de 1901, com a aprovação de um Código Regulamentar e a formação de uma Comissão Provisória, composta de três membros.<sup>vii</sup> Estavam à frente da entidade algumas lideranças já conhecidas da classe operária, a exemplo do mestre da construção civil Prediliano Pereira Pitta, do alfaiate Ismael Ribeiro dos Santos, dos pedreiros Anastácio Machado de Menezes e Olavo José de Almeida, do pintor e desenhista Manuel Querino, do marceneiro Marcelino de Souza Aguiar e do tipógrafo Francisco Miguel Chaves. O Club Socialista publicava um jornal intitulado ***O Socialista***, homônimo a tantos outros editados em todo o Brasil no período. Em maio de 1902, por ocasião do primeiro aniversário da entidade, sete números do periódico já haviam sido dados aos leitores, quando não obtivemos mais notícias sobre essa folha, embora o Club Socialista continuasse a existir até pelo menos maio de 1904.<sup>viii</sup>

Alguns dos militantes citados acima também estavam envolvidos na fundação de uma segunda organização fundamental nas comemorações do Primeiro de Maio em Salvador, a **Federação Socialista Bahiana (FSB)**, instituída na noite de 14 de agosto de 1902, em solenidade feita no salão da Sociedade Philantrópica dos Artistas, “sob a bandeira do Partido Socialista Brasileiro”. De fato, logo que foi fundada, a Federação Socialista estabeleceu vínculos com o PSB, criado por ocasião do Segundo Congresso Socialista Brasileiro, realizado em São Paulo, de 28 de maio a 1 de junho de 1902, com participação de delegação da Bahia, representada por Estevam Estrella e Ludgero de Souza.<sup>ix</sup> Da mesma forma que o Club Socialista fizera antes, a partir de 10 de março de 1903, a Federação Socialista iniciou a publicação de um jornal intitulado ***Imprensa Social***, sendo encontradas edições e referências a ele em 1904 e 1905.<sup>x</sup> Entretanto, em 1

de agosto de 1908, o jornal *A Voz do Trabalhador*, o órgão da **Confederação Operária Brasileira (COB)**, publicou uma carta de adesão da FSB e das associações operárias a ela filiadas à COB. A carta era assinada por Marcelino de Souza Aguiar, secretário da FSB, e vinha acompanhada de uma significativa nota de esclarecimento da redação do periódico carioca. Nessa nota, os partidários da ação direta diziam o seguinte:

*O rótulo de socialista que adota esta Federação, não quer dizer que ela esteja filiada a partido político algum. Ela é uma organização baseada no terreno econômico, independente do parlamentarismo e da política eleitoral. Fazemos esta declaração simplesmente para evitar más interpretações e falsos juízos.<sup>xi</sup>*

Pelo que sabemos do processo de formação da classe operária e da história de suas organizações na Bahia, podemos dizer que seja improvável que se tratasse de um trânsito ideológico. Dificilmente a Federação Socialista Bahiana teria se movido da defesa da participação política institucional e do *sindicalismo reformista* para a posição de abstenção eleitoral e de adesão ao *sindicalismo de ação direta*. Também não acreditamos na tese de simples incoerência. Talvez suas lideranças estivessem vivendo um momento de incerteza e indefinição, como observou Edilene Toledo ao reconstituir a trajetória de Alceste De Ambris, um partidário do *sindicalismo revolucionário* que no congresso socialista de 1902 defendeu a participação eleitoral dos trabalhadores.<sup>xii</sup>

De todo modo, é preciso dizer que de 1902, quando foi criada, a 1909, quando fez suas últimas aparições nas fontes, a Federação Socialista agrupou inúmeras associações operárias, inclusive criando um Conselho Geral com representação de várias dessas entidades dos mais diversos ofícios, mantendo com elas relações orgânicas em maior ou menor grau. Em alguma medida, a criação dessas sociedades foi o produto do esforço das lideranças de cada categoria em cooperação com os militantes da Federação Socialista. Não foi sem razão que essas associações foram fundadas e quase imediatamente filiadas à Federação Socialista, tomando parte de suas atividades políticas. Foi assim com a **Liga Socialista Protetora dos Sapateiros**, cuja comissão executiva foi “solenemente instalada” no dia 14 de fevereiro de 1903, a **União Socialista das Costureiras**, também surgida em 1903, o **Centro Defensor dos Trabalhadores do Mar na Bahia**, de 1 de novembro de 1904, a **União Operária dos Carregadores**, de 2 de abril de 1905, a **Liga dos Trabalhadores Socialistas**, a **Associação Defensora dos Trabalhadores em Construção** e a **Associação Unificadora dos Trabalhadores em Padaria**, aparecidas em 1905, o **Centro**

**Unificador dos Sapateiros**, de 25 de maio de 1906, a **União dos Trabalhadores da Viação Terrestre da Bahia**, de 21 de outubro de 1907, o **Sindicato dos Mecânicos da Bahia**, de 7 de junho de 1908, e o **Sindicato dos Trabalhadores em Madeira da Bahia**, de 1 de maio de 1908.<sup>xiii</sup>

Além do Centro Operário da Bahia, a Federação Socialista e seus dirigentes mantinham relações também com outras organizações operárias mais antigas, a exemplo da **Associação Typographica Bahiana**, fundada em 30 de outubro de 1870 sob a proteção de Nossa Senhora da Piedade<sup>xiv</sup>, do **Club Defensor e Beneficente dos Maquinistas**, criado em 1º de outubro de 1889<sup>xv</sup>, da **Sociedade Beneficente Bolsa dos Chapeleiros**, instalada em 9 de agosto de 1891<sup>xvi</sup>, e da **Sociedade União Beneficente dos Alfaiates**, instalada solenemente em 25 de março de 1897 tendo Nossa Senhora da Fé como padroeira.<sup>xvii</sup>

### ***OS PRIMEIROS ANOS***

Os setores mais qualificados da classe operária de Salvador tiveram contato muito cedo com as idéias e motivações do Primeiro de Maio. Em abril de 1891, os tipógrafos da capital baiana fizeram uma greve na qual sua liderança ideológica reivindicava a jornada de trabalho de oito horas por dia como um ponto central de sua pauta.<sup>xviii</sup> O tipógrafo Argemiro de Leão, ligado às organizações que estavam por trás do movimento - a **Associação Typográfica Bahiana** e a **Fraternização Tipográfica** - e que também era líder da União Operária Bahiana, a dissidência do Partido Operário da Bahia, fundado em 1890, chegou a publicar ao menos dois artigos assinados em março de 1891 refletindo sobre quais deveriam ser os objetivos das greves. No primeiro, de 20 de março de 1891, sustentou que “a greve é o melhor meio empregado, quando as classes trabalhadoras sofrem, para conseguir uma melhoria” e que “o operário que contrariar este princípio é indigno do trabalho honrado”. Justificou sua opinião com base no pressuposto de que “ninguém se atreverá a negar que o operário é o que mais trabalha e é o que menos é recompensado”. Disso decorria a seguinte assertiva: “Desgraçado será o operário que não se unir aos outros! Pior será aquele que substituir ao que na defesa do seu direito for dispensado pelo patrão!”. O tipógrafo Argemiro de Leão negou a existência de rivalidades no interior da classe operária e disse que os trabalhadores deveriam garantir, unidos, seus direitos por meio da greve. Apelou aos

seus “irmãos” para que, “por amor da pátria, da família e por dignidade do trabalho”, virassem as costas aos patrões que não quisessem “pagar com justiça o trabalho recebido do operário” e que realizassem demissões dos que reivindicavam melhores salários.<sup>xix</sup>

Em suas palavras finais, Argemiro de Leão condenou a prática da violência, declarou estar seguro de que tais métodos não existiam entre os trabalhadores da Bahia e apelou para que a classe operária mantivesse uma postura firme e persistente quando ocorresse a deflagração de uma greve: “O operário que se levantar para pedir aumento de salário ao patrão tem o dever de não recuar”. Assim procedendo, sua família o veria como uma pessoa dotada de “altivez”. Mas “transigir” com o patrão implicaria a continuidade da “fome” e a “desonra como aumento”. Argemiro de Leão insistiu que escrevia em um momento oportuno para a deflagração de greves e assegurou aos operários que eles não precisavam ter receios em relação ao governo, pois “ele é republicano e a república só visa o bem da humanidade”. Em sua conclamação, o líder da dissidência propôs que as novas greves a serem deflagradas funcionassem como “vésperas” da “greve universal” que seria desencadeada no dia 1º de maio.<sup>xx</sup> Esse é um primeiro indício de que algumas lideranças mais politizadas e escolarizadas já haviam tido contato com uma das idéias e práticas mais marcantes da Segunda Internacional apenas um ano após a sua adoção.

No segundo artigo, datado de 24 de março de 1891, Argemiro de Leão declarou que as greves daquele período estavam tomando “proporções gigantescas” e que ninguém se arriscaria a atentar contra elas, posto que, fazer isso seria um ato de “desumanidade”, sujeito à punição pelos que “sofrem”. Em sua segunda conclamação “aos operários”, o “chefe da comissão de propaganda” da dissidência do Partido Operário disse que “se o capital deve ser garantido, o trabalho deve ser bem recompensado” e que “ordinariamente, o patrão enriquece pelo trabalho do operário”. Portanto, a greve tinha por finalidade “evitar a fome da família do operário e obrigar o patrão a ter consciência”. Mas, em sintonia com a referência anterior ao 1º de maio, o tipógrafo Argemiro de Leão chamou a atenção de seus companheiros para o fato de que, se a reivindicação de aumento salarial era importante, cabia, no entanto, não deixar de pautar a necessidade de se “limitar as horas de trabalho” e “largar o trabalho nos sábados mais cedo do que nos outros dias da semana”. Isto porque o operário precisava

“receber a fêria ainda a tempo de encontrar o comércio aberto para ele poder suprir a casa dos gêneros necessários à subsistência da família”. O primeiro ponto estava bem próximo da reivindicação de jornada de trabalho de oito horas diárias defendida pela **Segunda Internacional** como parte de suas atividades a partir do 1º de maio de 1890, ao passo que a outra bandeira estava relacionada à chamada “semana inglesa”, algo que, de acordo com Argemiro, já era assegurado aos operários do Arsenal de Marinha da Bahia.<sup>xxi</sup>

De fato, o tipógrafo Argemiro de Leão voltou ao assunto por ocasião do 1º de maio de 1891. Em outro artigo que assinou e publicou no *Pequeno Jornal*, disse que, naquele momento, a “Europa operária” estava ensinando ao mundo a forma como deveria ser celebrado o “culto do trabalho”. As manifestações que estavam sendo feitas não eram nem o produto do desespero nem demonstração de contentamento. Seu fim era “fazer com que o trabalho tenha a consideração que lhe é devida”. Daí que, segundo Argemiro de Leão, o operário europeu era um homem que usava as poucas horas de descanso que possuía para se instruir, realizando a leitura de jornais, antes de se entregar ao trabalho cotidiano. Naquele “livro de todo dia”, o operário aprendia muito, e desse aprendizado, somado à “falta de remuneração ao seu trabalho”, ele concluía, a partir de um “raciocínio infalível”, que “o patrão não é leal: enriquece a custa do operário, e não consente que este mesmo operário economize uma quantia para garantir o futuro dos seus filhos, porque se apossa indiretamente desta economia”.

Segundo Argemiro de Leão, os operários europeus estavam se levantando, às dezenas e centenas de milhares, em cada capital, para exigirem a “correção de tais extorsões”. Os patrões estavam pedindo providências à polícia quanto à garantia de suas propriedades, mas se esqueciam que “obtiveram aquelas propriedades porque espoliaram o operário”. O líder socialista baiano chegou a dizer que se os operários europeus fossem derrotados na batalha que travavam contra seus patrões, aqueles não ficariam desanimados, pois, no futuro, ficaria “assentado que a propriedade é de todos!”.

Da luta da classe operária européia pelo pagamento “na razão do seu trabalho” e pela proibição do “número extraordinário de horas” de labor, os operários brasileiros deveriam tirar suas lições. As mais importantes diziam respeito ao fato de que, no Brasil, “acabou-se a escravidão do homem pelo homem”, mas “ficou a escravidão do

operário pelo patrão”. Além disso, em nosso país, especialmente na Bahia, a luta seria pior que na Europa, pois a “escravidão do corpo” teria desaparecido, mas a “escravidão do espírito” ainda vigia. Para superar essa situação, era preciso que os operários baianos adquirissem o hábito da leitura, infiltrassem em seus espíritos que não deveriam ser servís, pois a aquisição de “autonomia” e “força” dependia da contração de laços de união com seus companheiros de classe.<sup>xxii</sup>

Em 1892, a luta pela jornada de trabalho de oito horas por dia reapareceu de modo ainda mais enfático enquanto uma bandeira do movimento operário organizado de Salvador. É que o tipógrafo Luiz França e Silva, o líder do **Partido Operário do Brasil**, estava organizando o **Congresso Operário Nacional**, também conhecido como Primeiro Congresso Socialista Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro, de 1º de agosto a 5 de setembro de 1892. Após algumas reuniões e discussões no mês de junho de 1892, feitas no **Liceu de Artes e Ofícios da Bahia**, a União Operária Bahiana enviou representação formada pelo pintor e desenhista Manuel Raymundo Querino e pelo tipógrafo Argemiro de Leão, este último já residente no Rio, como delegados da Bahia no conclave.<sup>xxiii</sup>

Uma comissão foi formada, presidida pelo “artista” Prediliano Pereira Pitta, com o objetivo de indicar, preliminarmente, o que deveria ser apresentado no conclave. Entre os pontos a serem defendidos pela delegação baiana, estavam: a) “dia normal de 8 horas de trabalho”; b) “criação de bancos com ações de pequeno valor, sendo acionistas os operários”; c) “criação de um jornal operário de propaganda em cada estado, a fim de que o operário tenha verdadeira intuição de seus direitos”; d) “criação de escolas profissionais em todas as cidades, quer pelo governo, quer pela iniciativa particular, a fim de serem aperfeiçoados os nossos produtos”; e) “criação de uma caixa de socorros mútuos para socorrer os operários que se invalidarem no trabalho”; f) “neutralidade completa em tudo que possa afetar responsabilidade política”.<sup>xxiv</sup>

No já citado “*Manifesto aos dignos Artistas, Operários e Proletários do Estado da Bahia*”, datado de 18 de junho de 1893, o artesão Domingos Silva dizia que a “revolução de 15 de novembro de 1889” deveria ser vista como uma oportunidade única para a classe operária baiana romper com a passividade e o indiferentismo em que vivia e reivindicar seus direitos à República, que, segundo ele, estava promovendo “uma série de transformações” no país. Para serem bem-sucedidos, era preciso que os operários se



unissesem em uma organização e, inspirando-se no que estava ocorrendo na Alemanha, na Suíça, na Holanda e na Inglaterra, lutassem não apenas por aumentos salariais, mas também pela “diminuição das horas de trabalho” com o objetivo de ter tempo para se preocupar com a “vida social”.<sup>xxv</sup> Essa parece ser a divisão tripartite do dia, proposta pelo movimento operário da época, segundo a qual cada indivíduo deveria organizar seu dia dedicando oito horas para o trabalho, oito horas para o descanso e oito horas para o lazer.

No ano seguinte, o compromisso das lideranças socialistas com a luta pela jornada de oito horas foi consignado formalmente na Constituição do Centro Operário da Bahia (Art. 29, § 8º), aprovada em 6 de maio de 1894, que estabelecia como uma das atribuições dos dirigentes da organização a luta para “reduzir as horas do trabalho”, de modo que o labor dos trabalhadores começasse às oito horas do dia e terminasse às quatro da tarde, “sem prejuízo do salário”.<sup>xxvi</sup>

### ***INFLUÊNCIAS E CONEXÕES INTERNACIONAIS***

Os militantes socialistas de Salvador (e de muitas outras cidades do Brasil) foram diretamente influenciados pelos teóricos vinculados a Segunda Internacional, especialmente o socialista francês Benoît Malon (1841-1893)<sup>xxvii</sup> e seu *socialismo integral*, e o republicano socialista carioca, naturalizado português, Sebastião de Magalhães Lima (1851-1928)<sup>xxviii</sup>, ambos muito citados pelas lideranças, especialmente nos momentos de fundação e na celebração de tradições da classe operária, sendo um ideal motivador e legitimador de determinadas aspirações, reivindicações e práticas políticas.

No dia 14 de julho de 1901, o Club Socialista realizou sua primeira atividade de propaganda. Era o início da tarde de um domingo, cuja data coincidia com o marco mais conhecido da Revolução Francesa, a Tomada da Bastilha. Perante um plenário formado por 52 sócios, o pintor e desenhista Manuel Raymundo Querino, ladeado pelo artista Feliciano Alexandrino de Santana e por Raymundo Spinola, presidiu o conclave. O Código Provisório da organização foi lido. Em seguida, o empreiteiro de obras e major da Guarda Nacional, Prediliano Pereira Pitta, que foi o organizador do Club Socialista e, naquele momento, integrava o conselho executivo do Centro Operário, fez uso da palavra por uma hora e meia, dissertando largamente sobre “as vantagens do

socialismo, nas suas diversas modalidades”, sendo “calorosamente” aplaudido. A imprensa noticiou que, antes e depois da sessão, “foi profusamente distribuído um avulso impresso, com opiniões do conhecido escritor Magalhães Lima, sobre o socialismo”.<sup>xxix</sup>

O repertório lingüístico usado pelos militantes socialistas baianos nas comemorações do Primeiro de Maio era eivado de referências ao “Dia Santo dos Operários”, ao “Dia do Trabalho” e à “Festa do Trabalho”, o que é significativo de como as comemorações brasileiras, tais quais as européias analisadas por Eric Hobsbawm, atraíram e absorveram elementos simbólicos e rituais, em particular os de celebração semi-religiosa e sobrenatural, combinando feriado e dia santo, ou seja, partilhando com os feriados cristãos a aspiração à universalidade e ao internacionalismo, não sendo incomuns as analogias com a Páscoa e o Pentecostes, algo que, sem dúvida, era ainda mais forte na Bahia, onde o catolicismo popular havia fincado raízes profundas.<sup>xxx</sup>

Em 1902, o Dia do Trabalho caiu numa quinta-feira. A sede da **Sociedade União Beneficente dos Alfaiates**, da qual fazia parte o alfaiate Ismael Ribeiro dos Santos, presidente do conselho executivo do Centro Operário, hasteou, por todo o dia, sua bandeira, “como homenagem à confraternização da classe operária na grande Festa do Trabalho”. À noite, a “Festa do Trabalho” foi comemorada pelo **Club Socialista** na sede do **Lyceu de Artes e Ofícios**, com a participação de diversas lideranças socialistas e operárias que transitavam por essas organizações. Entre elas estava Manuel Querino, presidente da Assembléia Geral do Club Socialista, e o farmacêutico e jornalista Amaro de Lellis Piedade, convidado para presidir a sessão, que além do Dia Internacional do Trabalho, comemorava, também, o primeiro aniversário da entidade. Não obstante a noite ter sido chuvosa, o evento foi prestigiado por mais duzentos operários. Prediliano Pereira Pitta, presidente do Diretório do Club Socialista, congratulou-se com o operariado baiano pelo 1º de Maio e “incitou as classes artísticas, operárias e industriais a reunirem-se na defesa comum e prosperidade da Pátria”. O conhecido rábula Cosme de Farias recitou “belos versos alusivos a grande data”. Além de Prediliano Pereira Pitta, fizeram uso da palavra, também, outros artesãos presentes ao evento que integraram e/ou integravam a direção do **Centro Operário**, a exemplo de Anastácio

Machado de Menezes, Olavo José de Almeida e Marcelino de Souza Aguiar, este último, orador oficial do Club Socialista.

Prediliano Pitta discursou sobre “os benefícios de que é capaz a idéia socialista” e fez “apologia das cooperativas, fontes únicas em que a pobreza do operário deve haurir recursos novos”, e o operário Olavo José de Almeida propôs (e foi aprovado por unanimidade) que se enviasse um telegrama ao Dr. Sampaio Ferraz em gratidão pelo fato de aquele parlamentar ter apresentado à Câmara Federal um projeto declarando feriado o 1º de Maio.

O orador oficial, artista Marcelino de Souza Aguiar, “pronunciou um discurso de verdadeiro mérito literário, no qual fez brilhante elogio ao socialismo” e quando “se referiu à clemência e à valentia dos bôeres, a sala inteira rompeu num aplauso tão prolongado, que interrompeu, por segundos, a voz do orador”. Por volta das dez horas, “ao som do hino nacional”, a sessão foi encerrada, com o jornalista Amaro de Lellis Piedade dando “vivas à Fraternidade Universal, à Classe Operária e à República, digna do sacrifício dos verdadeiros amigos da pátria”. Em seguida, cerca de trezentos operários saíram em passeata até as praças do Conselho e 15 de Novembro e até a sede da Sociedade União Beneficente dos Alfaiates. Um número especial do jornal *O Socialista*, publicado pelo Club Socialista, foi distribuído, contendo uma poesia de Bento Murilla e um artigo de Lellis Piedade dedicado ao “Dia Santo dos Operários”, no qual ele dizia que no 1º de Maio se comemorava a existência de “uma grande fraternidade pela religião da classe proletária, em cujo seio reside uma das fontes mais exploradas da riqueza das nações”.<sup>xxxix</sup>

Já as comemorações do “Dia Santo do Trabalho” de 1903 foram feitas pela **Federação Socialista**, e a imprensa apresentou o 1º de Maio como uma data na qual se celebrava “a conquista do socialismo puro, estabelecido para festejar-se a fraternidade do operariado em todo o mundo”. O nome do socialista francês Benoît Malon foi citado como representativo de uma posição de defesa da reforma social, que ensinava “os mandamentos de um Evangelho novo”, mas “sem os exageros rubros dos reformadores apaixonados”.<sup>xxxix</sup>

Nesse ano, a **Federação Socialista Bahiana** já publicava o jornal *Imprensa Social* e tinha sede própria, localizada na Ladeira do Carmo, nº 102, onde foi feita a sessão solene, presidida pelo pedreiro Anastácio Machado de Menezes, que também era

integrante do conselho executivo do **Centro Operário da Bahia**, secretariado por Marcelino de Souza Aguiar e Francisco Miguel Chaves. Foram lidas duas cartas de congratulações e adesão enviadas por Jovito Pamponet, da cidade de Santo Antônio de Jesus, no Recôncavo da Bahia, e pelo alfaiate Ismael Ribeiro dos Santos, presidente do Centro Operário. Na noite daquele dia, mais uma vez, o operário da construção civil Anastácio de Menezes fez “apologia do socialismo, como grandioso fator da Paz, da União e do Progresso”. Vicente de Paula do Nascimento e Julio de Freitas Tantu falaram em nome da **Liga Socialista Protetora dos Sapateiros**, e, por proposta do rábula Cosme de Farias, foram enviados telegramas de congratulações ao **Centro Protetor dos Operários do Rio de Janeiro e de São Paulo**.

Além disso, estavam presentes os representantes dos órgãos de imprensa *Correio da Tarde*, *Diário de Notícias*, *Revista Typográfica*, *Nova Cruzada* e *Jornal de Notícias*. A Philarmônica União da Lyra tocou várias músicas durante a reunião e, ao final, executou o Hino Nacional, quando Marcelino de Souza Aguiar fez a saudação de despedida com “vivas à fraternidade universal, às classes operárias, ao dia 1º de Maio e à imprensa baiana”. A própria sede da Federação Socialista “estava lindamente ornamentada, destacando-se nas paredes números de jornais socialistas nacionais e estrangeiros” e os escudos da Federação e da Liga Protetora dos Sapateiros com os nomes dos “venerandos Karl Marx e Benoît Malon”, acompanhados do famoso apelo à união dos proletários de todos os países do filósofo alemão. A sessão magna, que havia começado depois das oito horas da noite, terminou antes das dez, dando lugar a uma “linda soirée”, isto é, um baile dançante.<sup>xxxiii</sup>

A *Revista da Associação Tipográfica* publicou um editorial no qual conclamou a classe operária da Bahia a ouvir o “Brado que da Bélgica ecoou no universo inteiro” e se organizar em associações de classe com vistas à consecução da “emancipação social” nos termos que fora concebida por Karl Marx, isto é, enquanto obra de sua própria iniciativa. Sobre o ato na Federação Socialista, a *Revista da ATB* registrou que “vários oradores” foram ouvidos na “brilhante sessão solene”, sendo todos “calorosamente aplaudidos” pela grande quantidade de pessoas presentes.<sup>xxxiv</sup>

Em 1904, as comemorações do Primeiro de Maio foram realizadas pela **Federação Socialista Bahiana** e pelo **Centro Operário da Bahia**, quando a classe operária baiana teria aderido ao “ideal de paz e de progresso”, “dentro da órbita da lei e

da ordem”, por meio do qual alcançaria a “grande e bela conquista do socialismo puro, que tem por bases a igualdade, o amor e a concórdia”. Essas duas organizações realizaram uma sessão literária que contou com a presença, dentre outros, do artista Marcelino de Souza Aguiar, do pedreiro Anastácio Machado de Menezes, do Dr. Virgílio de Lemos, representando o *Diário de Notícias*, do rábula Cosme de Farias e do alfaiate José Balbino Falcão, vice-presidente do conselho executivo do Centro Operário da Bahia. Em sua intervenção, o marceneiro Marcelino de Souza Aguiar fez um “histórico do 1º de Maio”, demonstrou “os benefícios trazidos pelo socialismo às classes operárias” e dissertou “largamente sobre os mártires dessa nobre e justa idéia”, uma fala que demonstra certa influência da cultura política dos anarquistas e dos sindicalistas revolucionários, que viam a data enquanto dia de luta e de luto em memória dos “mártires de Chicago”, e não de festa e comemoração, como os socialistas e os sindicalistas reformistas. Além disso, o **Club Socialista** também fez uma “modesta sessão magna” em comemoração à “Festa do Trabalho” e ao segundo aniversário de sua instalação, oportunidade em que sua nova diretoria foi empossada. Falaram, entre outros, o operário Bento Gomes e o “artista” Prediliano Pereira Pitta.<sup>xxxv</sup>

Os contatos e relações políticas dos grupos socialistas baianos do início do século XX com a social-democracia internacional ficaram mais explícitos por ocasião das comemorações do Primeiro de Maio de 1906. Já em fins de abril, a Federação Socialista Bahiana e suas filiadas iniciaram uma mobilização dos trabalhadores que deveria culminar nas comemorações do Dia do Trabalho daquele ano e numa manifestação de rua visando angariar fundos para as atividades da **Segunda Internacional**. A programação começava com uma concentração operária na Praça do Ouro. Na seqüência, a “grande massa popular” rumou para o Campo dos Mártires<sup>xxxvi</sup>, tendo o 1º Corpo do Regimento Policial à frente, seguido das filiadas da União Socialista das Costureiras e de outras associações operárias, todas elas levando o “pavilhão branco-rubro”, “tendo ao lado um triângulo também rubro, exprimindo a divisa do proletariado: Revolução pela igualdade”. Chegando ao Campo dos Mártires, onde estava montada uma “tribuna”, foi feito um “comício magno”. A bandeira da Federação Socialista Bahiana foi hasteada e os oradores operários se dirigiram aos seus camaradas. O pedreiro mestiço Anastácio Machado de Menezes falou em nome da **Associação Defensora dos Trabalhadores em Construção** e concitou seus

“companheiros de luta a se sacrificarem pela causa santa do trabalho”. Logo depois falaram Antonio Saturnino de Carvalho, em nome do **Centro Defensor dos Trabalhadores do Mar**; Cypriano Manuel Avelino, pela **União Operária dos Trabalhadores**; Marcelino Lima, pela **Associação Unificadora dos Trabalhadores em Padaria**; e Venancia Maria Costa, pela **União Socialista das Costureiras**.

O último a falar na tribuna do Campo dos Mártires foi Marcelino de Souza Aguiar, que convocou os trabalhadores à formação de um “bando precatório” que percorreria as principais ruas da Cidade Alta “esmolando da nunca desmedida generosidade do coração baiano um pequeno óbolo em favor do proletariado russo que luta pela vida, tiranizado, entre os horrores da escravidão e da fome”. A banda de música do 2º Corpo do Regimento Policial também foi incorporada à manifestação, que tinha a bandeira da Federação Socialista à frente. As sete bandeiras das associações operárias presentes foram transformadas em colchas, nas quais foram angariadas as doações ao longo do percurso. Quando o préstito chegou à sede do **Centro Defensor dos Trabalhadores do Mar**, na rua Silva Jardim, o pedreiro Anastácio Machado de Menezes fez novo discurso de uma das janelas daquela associação, “louvando o concurso” dos que tinham tomado parte da “festa”. Encerrado o ato público, foi feita uma reunião da “Câmara Comicial”, sob a presidência de Marcelino de Souza Aguiar, secretariado pelos operários Vicente de Paulo do Nascimento e Marcelino Lima, com intervenções dos operários Thomaz Gonçalves e Agripino Aves, do rábula Cosme de Farias e de José Guedes Cavalcanti, representando a **União dos Operários Estivadores do Rio de Janeiro**. O gesto de solidariedade dos socialistas baianos serviu para angariar a quantia de 130\$520 que, de acordo com a comissão formada pelos militantes Dyonisio Alves Velloso, Marcelino de Souza Aguiar e Anastácio Machado de Menezes, seria enviada para o **Comitê Socialista de Bruxelas**, ou seja, para o escritório da Segunda Internacional com sede na Bélgica, por intermédio do London and Brazilian Bank Limited.<sup>xxxvii</sup> De fato, na coletânea de fontes organizada por Georges Haupt sobre o Bureau Socialiste International a Federação Socialista Bahiana figurava como a única organização brasileira a enviar contribuição (214,52 Francos), numa lista de partidos operários e / ou social-democratas de vários países.<sup>xxxviii</sup>

Em 1907, o Primeiro de Maio foi lembrado pela Federação Socialista Bahiana por meio de uma “sessão literária”, realizada à noite, em sua sede social, não havendo

manifestações de rua. Mais uma vez, os discursos que se destacaram foram os do marceneiro Marcelino de Souza Aguiar e do pedreiro Anastácio Machado de Menezes, que desta vez destacou o caráter de luta e de luto da data, pois, segundo a leitura que fez dos acontecimentos de 1886 em Chicago, “foi justamente nesse dia que uma falange de filhos do trabalho foi trucidada, quando procurava a reivindicação dos seus direitos”. Além de “numeroso auditório”, estiveram presentes à solenidade diversos representantes de associações operárias de sapateiros, trabalhadores em padaria, da construção civil, dos marítimos e dos carregadores, além de uma comissão de acadêmicos da Escola Politécnica.<sup>xxxix</sup>

Em 1908, as celebrações em homenagem ao Dia do Trabalho foram concebidas para ter início à tarde com um comício no Campo dos Mártires, procissão em direção ao Cemitério da Quinta dos Lázarus, “em piedosa visita aos companheiros que jazem naquela necrópole”, e, à noite, “sessão literária” na sede da Federação Socialista Bahiana. Contudo, os organizadores desistiram da programação mais ampla e fizeram, apenas, a “sessão magna”, realizada após a posse solene do primeiro Conselho Administrativo do recém-fundado Sindicato dos Trabalhadores em Madeira.<sup>xl</sup>

Apesar de algumas permanências, nas décadas de 1910 e 1920, o Primeiro de Maio passou por mudanças que não podem ser explicadas neste texto. Elas estão ligadas às transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas na sociedade brasileira em geral e às alterações comportamentais, organizativas e ideológicas da classe operária na Bahia em sua relação com o Estado. Mas essa é uma outra história...

---

<sup>i</sup> HOBBSAWM, Eric J. O nascimento de um feriado: o Primeiro de Maio. In: *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. Tradução Irene Hirsch e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p. 169-190. A citação é da página 169.

<sup>ii</sup> Para a reconstituição histórica do processo de organização dos partidos operários e/ou socialistas no Brasil, ver, entre outros: BATALHA, Claudio H. M. A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX. In: MORAES, João Quartim (org). *História do marxismo no Brasil*. v. II - Os Influxos Teóricos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995. p. 11-44; PÁDUA, J. A. Valladares. A Capital, a República e o Sonho: a experiência dos partidos operários de 1890. *Dados - Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: IUPERJ, v. 28, nº 2, p. 163-192, 1985; SCHMIDT, Benito Bisso. Os partidos socialistas na nascente República. In: REIS, Daniel Aarão & FERREIRA, Jorge (orgs.). *As esquerdas no Brasil – 1- A formação das tradições. (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 131-183.

<sup>iii</sup> SILVA, Domingos. “Manifesto aos dignos Artistas, Operários e Proletários do Estado da Bahia”. APEB, Seção Legislativa, Câmara dos Deputados, Ofícios Recebidos e Expedidos (1891-1894), *livro 1187*.

<sup>iv</sup> Para a reconstituição detalhada desse processo, cf: CASTELLUCCI, Aldrin A. S. *Trabalhadores, máquina política e eleições na Primeira República*. Tese de Doutorado em História, FFCH - UFBA,

---

2008, Cap. II.

- <sup>v</sup> CASTELLUCCI, Aldrin A. S. Classe e cor na formação do Centro Operário da Bahia (1890-1930). *Afro-Asia* (UFBA), nº 41, p. 85-131, 2010.
- <sup>vi</sup> CASTELLUCCI, Aldrin A. S. Política e cidadania operária em Salvador (1890-1919). *Revista de História* (USP), nº 162, p. 205-241, 1º semestre de 2010.
- <sup>vii</sup> *Jornal de Notícias*, Salvador, 28 maio 1901, p. 1;
- <sup>viii</sup> *Jornal de Notícias*, Salvador, 2 maio 1904, p. 1.
- <sup>ix</sup> *Jornal de Notícias*, Salvador, 18.08.1902, p. 1. RELATÓRIO do Centro Operário da Bahia. Exercício Social de 6 de maio de 1902 a 30 de abril de 1903, apresentado pelo Sr. Ismael Ribeiro, Presidente do Conselho Executivo e aprovado em sessão de Assembléia Geral de 3 de maio de 1903. Bahia: Imprensa Moderna de Prudêncio de Carvalho, 1903. O programa do *Partido Socialista Brasileiro* de 1902 pode ser encontrado em: CARONE, Edgard. *Movimento operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo / Rio de Janeiro: Difel, 1979, p. 322-327.
- <sup>x</sup> *Revista da Associação Typográfica Bahiana*, Salvador, ano I, n. 8 e 9, fev. e mar. 1903, p. 153; *Diário de Notícias*, Salvador, 24 mar. 1903, p. 1; *Correio da Tarde*, Salvador, 26 maio 1903, p. 2; *Diário de Notícias*, Salvador, 16 jun. 1903, p. 1; *Diário de Notícias*, Salvador, 10 ago. 1905, p. 1.
- <sup>xi</sup> *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, ano I, nº 3, 1º de agosto de 1908, p. 1 (A Voz do Trabalhador. Órgão da Confederação Operária Brasileira. Coleção fac-similar 1908-1915. Prefácio de Paulo Sérgio Pinheiro. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado / Secretaria de Estado da Cultura / Centro de Memória Sindical, 1985).
- <sup>xii</sup> TOLEDO, Edilene Teresinha. *Travessias revolucionárias: idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004, p. 191-192.
- <sup>xiii</sup> *Diário da Bahia*, Salvador, 15 fev. 1903, p. 1; *Diário de Notícias*, Salvador, 2 nov. 1904, p. 1; *Diário de Notícias*, Salvador, 19 abr. 1905, p. 1; *Diário de Notícias*, Salvador, 28 nov. 1905, p. 1; *Diário de Notícias*, Salvador, 3 abr. 1906, p. 2; *Diário de Notícias*, Salvador, 26 maio 1906, p. 2; *Diário de Notícias*, Salvador, 19 out. 1907, p. 1; *Diário de Notícias*, Salvador, 22 out. 1907, p. 1; *Diário de Notícias*, Salvador, 25 abr. 1908, p. 3; *Diário de Notícias*, Salvador, 29 maio 1908, p. 5; *Diário de Notícias*, Salvador, 8 jun. 1908, p. 5; *Diário de Notícias*, Salvador, 13 jul. 1908, p. 1.
- <sup>xiv</sup> Sobre a Associação Typográfica Bahiana (ATB), cf: CASTELLUCCI, Aldrin A. S. A luta contra a adversidade: notas de pesquisa sobre o mutualismo na Bahia (1832-1930). *Revista Mundos do Trabalho*, v. 2, n. 4, p. 40-77, 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho>
- <sup>xv</sup> ESTATUTOS do Club Defensor e Beneficente dos Maquinistas. Aprovados em Sessão da Assembléia Geral de 8 de setembro de 1897. In: *Diário da Bahia*, Salvador, 3 jan. 1903, p. 2-3.
- <sup>xvi</sup> *Diário da Bahia*, Salvador, 12 ago. 1891, p. 1.
- <sup>xvii</sup> *Jornal de Notícias*, Salvador, 23 mar. 1897, p. 1.
- <sup>xviii</sup> Parece que a grande imprensa, principal atingida pelo movimento, não noticiou os acontecimentos, nem mesmo posteriormente. Contudo, o tipógrafo José Prudencio Ferreira de Carvalho, dirigente da entidade e participante dos eventos daquele tempo, em trabalho intitulado *Associação Typográfica Bahiana - Escorço de uma notícia histórica*, publicado na Revista da ATB de abril de 1903, nos traz alguns elementos sobre o episódio. De acordo com sua versão, no dia 13 de abril de 1891, foi feita uma assembléia dos “artistas tipógrafos”, na qual foram apresentadas e aprovadas as “bases da greve”, ou seja, sua pauta de reivindicação. As “Bases para regular o trabalho tipográfico no estado da Bahia” criavam uma organização chamada *Fraternização Tipográfica* e estabeleciam quais deveriam ser as atribuições e remunerações dos oficiais tipográficos. CARVALHO, José Prudencio Ferreira de. *Associação Typográfica Bahiana - Escorço de uma notícia histórica*. In: *Revista da Associação Typográfica Bahiana*, ano I, n. 10, abril de 1903.
- <sup>xix</sup> LEÃO, Argemiro de. “Aos Operários”. *Pequeno Jornal*, Salvador, 20 mar. 1891, p. 2. O *Pequeno Jornal* era dirigido pelo médico liberal e abolicionista (depois florianista) Aristides Cesar Spinola



---

Zama (1837-1906).

- <sup>xx</sup> LEÃO, Argemiro de. “Aos Operários”. *Pequeno Jornal*, Salvador, 20 mar. 1891, p. 2.
- <sup>xxi</sup> LEÃO, Argemiro de. “Aos Operários”. *Pequeno Jornal*, Salvador, 24 mar. 1891, p. 2.
- <sup>xxii</sup> LEÃO, Argemiro de. “1º de Maio”. *O Pequeno Jornal*, Salvador, 1º maio 1891, p. 2.
- <sup>xxiii</sup> *Diário da Bahia*, Salvador, 8 jun. 1892, p. 2; *Pequeno Jornal*, Salvador, 15, 21 e 22 jun. 1892, p. 2; *Jornal de Notícias*, Salvador, 18, 20, 21 e 22 jun. 1892, p. 2, 2, 1 e 1.
- <sup>xxiv</sup> *Diário da Bahia*, Salvador, 23 jun. e 17 jul. 1892, p. 2 e 1; *Jornal de Notícias*, Salvador, 16 jul. 1892, p. 1.
- <sup>xxv</sup> SILVA, Domingos. “Manifesto aos dignos Artistas, Operários e Proletários do Estado da Bahia”. APEB, Seção Legislativa, Câmara dos Deputados, Ofícios Recebidos e Expedidos (1891-1894), *livro 1187*.
- <sup>xxvi</sup> CONSTITUIÇÃO DO CENTRO OPERÁRIO DO ESTADO DA BAHIA. *Diário da Bahia*, Salvador, 8, 9 e 17 jun. 1894.
- <sup>xxvii</sup> Sobre a influência de Malon no movimento operário brasileiro, cf: BATALHA, Claudio H. M. Benoît Malon e o Socialismo no Brasil na Era da Segunda Internacional. In: XIX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Belo Horizonte. *Comunicação*. Belo Horizonte: ANPUH, 1997.
- <sup>xxviii</sup> Portugal – Dicionário Histórico: Sebastião de Magalhães Lima. Disponível em: [www.arqnet.pt/dicionario/magalhaeslima.html](http://www.arqnet.pt/dicionario/magalhaeslima.html). Acessado em: 24 maio 2004.
- <sup>xxix</sup> *Jornal de Notícias*, Salvador, 15 jul. 1901, p. 1.
- <sup>xxx</sup> HOBBSAWM, Eric. O nascimento de um feriado: o Primeiro de Maio. In: \_\_\_\_\_. *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. Tradução de Irene Hirsch e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p. 169-190; HOBBSAWM, Eric. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: \_\_\_\_\_. & RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. 2ª ed. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 271-316.
- <sup>xxxi</sup> *Jornal de Notícias*, Salvador, 1º, 2 e 3 maio 1902, p. 1; *Diário da Bahia*, Salvador, 3 maio 1902, p. 1. A Guerra dos Bôeres (11/10/1899-31/05/1902) guarda uma relação direta com o fenômeno do imperialismo europeu na África. O conflito envolveu, de um lado, os britânicos, que dominavam a Colônia do Cabo, e de outro estavam os colonos holandeses, denominados de bôeres, fazendeiros que haviam fundado as repúblicas livres de Orange e Transvaal, esta última rica em diamantes, o que atraiu a cobiça de aventureiros e autoridades inglesas. Em 1902, quando a guerra chegou ao fim com a Inglaterra vitoriosa, as regiões holandesas foram anexadas às do Cabo e Natal, dando origem à União Sul-Africana, de 1910. O fato é que tanto holandeses quanto britânicos parecem ter tido posições racistas em relação aos negros, não sendo possível interpretar, pois, o apoio do artista Marcelino de Souza Aguiar aos africanos. Talvez a explicação possa ser achada a partir de uma pesquisa específica acerca de como as informações acerca da Guerra dos Bôeres chegavam ao país, especialmente por meio da imprensa. Sobre o assunto, cf: WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: a partilha da África (1880-1914)*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ / Revan, 1998, p. 353-361.
- <sup>xxxii</sup> *Jornal de Notícias*, Salvador, 1º maio 1903, p. 1.
- <sup>xxxiii</sup> *Imprensa Social*: órgão dos trabalhadores, Salvador, ano I, nº 3, 23 maio 1903, p. 1; *Jornal de Notícias*, Salvador, 2 maio 1903, p. 1; *Correio da Tarde*, Salvador, 2 maio 1903, p. 1.
- <sup>xxxiv</sup> *Revista da Associação Typographica Bahia*, Salvador, ano I, n. 11, maio 1903, p. 1-2.
- <sup>xxxv</sup> *Imprensa Social*: órgão dos trabalhadores, Salvador, ano II, nº 6, 30 abr. 1904, p. 2; *Imprensa Social*: órgão dos trabalhadores, Salvador, ano II, nº 7, 8 jun. 1904, p. 1-2; *Jornal de Notícias*, Salvador, 30 abr. 1904, p. 2; 2 maio 1904, p. 1.
- <sup>xxxvi</sup> Denominação recebida pelo Campo da Pólvora (local onde fica o Fórum Ruy Barbosa) numa homenagem que a Câmara Municipal de Salvador teria feito em memória de José Inácio Ribeiro de Abreu Lima (Padre Roma), Domingos José Martins, Miguel Joaquim de Almeida e Vastro (Padre Miguelinho) e José Luiz de Mendonça, revolucionários pernambucanos que foram fuzilados em 29 de

---

março e 12 de junho de 1817 naquele local. A antiga nomenclatura se devia ao fato de ali ficar, na época colonial, a Casa da Pólvora, transferida no século XVIII para o Largo dos Aflitos, onde hoje se acha o QG da PM. DÓRIA, Luiz Eduardo. *Os nomes das ruas contam histórias*. Salvador: Câmara Municipal de Salvador, 1999, p. 54.

<sup>xxxvii</sup> *Diário de Notícias*, Salvador, 21 abr. 1906, p. 2; 30 abr. 1906, p. 2; 3 maio 1906, p. 1; *Jornal de Notícias*, Salvador, 2 maio 1906, p. 1.

<sup>xxxviii</sup> HAUPT, Georges. *Bureau Socialiste International*. Comptes rendus des réunions, manifestes et circulaires (1900-1997). Paris: Mouton & Co., 1969, v. 1, p. 419-421.

<sup>xxxix</sup> *Jornal de Notícias*, Salvador, 1 maio 1907, p. 1; *Jornal de Notícias*, Salvador, 2 maio 1907, p. 1.

<sup>xl</sup> *A Bahia*, Salvador, 25 abr. a 3 maio 1908, p. 1; *Diário de Notícias*, Salvador, 1 e 2 maio 1908, p. 1; *Jornal de Notícias*, Salvador, 1 e 2 maio 1908, p. 1.